



08, 09, 10 e 11 de novembro de 2022
ISSN 2177-3866

O Empreendedorismo Feminino no Cenário de Recuperação Econômica Pós-Pandemia: explorando a subjetivação da mulher no discurso do governo

PRISCILLA LOPES BERTOLINO

UNIVERSIDADE POSITIVO (UP)

ADRIANA VINHOLI RAMPAZO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)

O EMPREENDEDORISMO FEMININO NO CENÁRIO DE RECUPERAÇÃO ECONÔMICA PÓS-PANDEMIA: explorando a subjetivação da mulher no discurso do governo

1 INTRODUÇÃO

A crise sanitária e econômica ocasionada pela pandemia de covid-19 causou impactos substanciais sobre os empregos no Brasil (BRANCHER; MAGACHO; LEÃO, 2020; FERREIRA JUNIOR; SANTA RITA, 2020), com destaque para a intensificação da desigualdade de gênero na força de trabalho (TONHATI, MACÊDO, 2021; LEMOS; BARBOSA; MONZATO, 2020; BOSCHETTI; BEHRING, 2021). A diminuição dos postos de trabalho no período de pandemia revela essa problemática, já que, dentre os contratos rescindidos durante a crise no Brasil, mais de 70% eram de mulheres. Assim, o agravante que se coloca ao atual cenário é a disparidade de gênero presente na dinâmica formal de empregos do país, que culminou no crescente envolvimento de mulheres com a informalidade nesse período (IBGE, 2022).

Como no contexto caracterizado pela pandemia, em cenários de crise na oferta de empregos, o empreendedorismo é motivado antes por necessidade do que por escolha (NASSIF; GHOBRIL; AMARAL, 2007), de modo que a inserção feminina nessa dinâmica se configura como movimento inacabado de discussões sobre os papéis sociais que envolvem a organização do trabalho e suas transformações (CASAGRANDE; ZAMORA; OVIEDO, 2021). Durante longo período da História, a atuação da mulher esteve restrita às atribuições domésticas, maternais e familiares, o que exerceu impactos sobre a presença feminina em diferentes esferas da sociedade.

Federici (2018) argumenta que a sociedade atual não desnaturalizou o forte vínculo da mulher com as tarefas do lar e de cuidado, mas somou a essas atribuições funções de natureza produtiva. A autora pontua que, embora a associação das atividades domésticas à responsabilidade feminina seja um legado do patriarcalismo, isso foi apropriado e ressignificado pela racionalidade neoliberal no processo de naturalização do equilíbrio entre trabalho e família. O empreendedorismo, nesse sentido, com frequência é construído como um caminho capaz de possibilitar a associação das funções produtivas e reprodutivas que se impõe às mulheres (CASTIBLANCO, 2013).

A discussão sobre o papel do Estado nessa dinâmica faz-se indispensável, uma vez que as políticas públicas para esse fim almejam uma intervenção cultural que se sustenta a partir do discurso sobre o valor do empreendedorismo como pretensão de verdade. Assim, a História não é externa à promulgação de políticas públicas, mas está viva nas interações e no modo como os atores usam dispositivos diferentes para implementar estratégias que se rotulam engajadas em estimular empreendedorismo. Esse movimento se constitui como avenidas que enquadram e constroem o próprio fenômeno que abordam discursivamente (BERDASCONI; ESPINOSA-CRISTIA, 2020).

Visto isso, espera-se que essa pesquisa contribua para os debates em torno do empreendedorismo como recurso de subjetivação da mulher, de maneira a lançar luzes para os esforços retóricos e práticos do governo para legitimar e personalizar os valores centrais do neoliberalismo na construção da imagem do empreendedorismo feminino como objetivo de vida.

2 PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

Os principais estudos sobre o empreendedorismo nos últimos anos têm se empenhado em compreender as características desejáveis ao perfil do sujeito que vivencia a atividade (CAMARGO; LOURENÇO; FERREIRA, 2018). Entretanto, mostra-se cada vez mais latente a necessidade de análises que se voltem para o empreendedorismo feminino enquanto construção discursiva, na direção de questionar processos de conformidade pelos quais as mulheres são

submetidas e que levem em conta os contextos de produção desses discursos, em especial no que tange às dimensões sociais, históricas e ideológicas correspondentes (SOUZA, 2018).

Empenhado em contribuir com a discussão, este estudo busca respostas para a seguinte questão de pesquisa: De que modo o discurso do governo promove a subjetivação da mulher na proposição de uma política pública de estímulo ao empreendedorismo? Por meio da perspectiva dialético-relacional de análise do discurso desenvolvida por Norman Fairclough (2001), adotamos como objetivo compreender esse processo de construção de um ideal de mulher empreendedora como produto da articulação de discursos fundadores de verdade por meio do exercício de poder. A política pública selecionada para a análise foi a Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino, lançada em março de 2022 pelo Governo Federal.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O neoliberalismo e o discurso da produtividade

Os sinais das modificações nos processos de trabalho e práticas de Estado são abundantes para acreditar que houve uma transformação notável na economia política do capitalismo a partir do final do século XX, momento em que se desenvolveram reestruturações produtivas e alterações profundas nas dinâmicas de trabalho (HARVEY, 1992). Essas transformações econômicas e políticas reconfiguraram as relações capital-trabalho e o papel do Estado como mediador e regulador de conflitos, o que não significou o fim dessa função, mas um questionamento em nome da exploração da força de trabalho (LIMA, 2010).

Na atualidade, as dinâmicas que envolvem o trabalho ganharam novos contornos e intersecções atentos às diferentes realidades, às mudanças estruturais ocupacionais e às diferentes formas de desigualdades que se entrecruzam em variáveis de gênero, raça e etnia. Assim, sob o discurso da superação da crise econômica e criação de empregos, emergem as bandeiras da regulação neoliberal sobre o trabalho (BRIDI; BRAGA; SANTANA, 2018).

O trabalho está cada vez menos pautado nas regularidades dos disciplinamentos impostos pelas formas de emprego, de modo que os tempos de vida privada e de trabalho tendem a se reordenar. Entre as mulheres isso segue em disputa, por exemplo, na naturalização de jornadas duplas ou triplas que caminham para além do domínio da reprodução e se estende às atividades produtivas. A noção de empreendedorismo feminino parece ressignificar antigas precariedades dos tipos de trabalho historicamente atribuídos às mulheres (ARAÚJO FILHO; GEORGES, 2021).

O empreendedorismo, nessa perspectiva, se apoia em um discurso que visa maximizar a utilidade da população e aumentar sua empregabilidade e produtividade, apregoando um estímulo à competição e ao individualismo, além de outros valores mercantis (DARDOT; LAVAL, 2016). O discurso neoliberal caminha para romper com todas as políticas sociais que não passam pela relação mercantil (TAVARES, 2018), de modo que o empreendedorismo, ao surgir enquanto solução emergente (SILVA; BASSANI, 2007), concretiza a conformação dos sujeitos a essa racionalidade.

Essa dinâmica, na qual a produção em função do lucro se apresenta como princípio organizador básico da sociedade, está alicerçada no exercício do poder, que tem papel na “plasmação de modos de consumo e estilos de vida presentes sociedade atual (HARVEY, 1992, p. 118). Para Foucault (1979, 1999, 2008) o poder não é um objeto sobre o qual se apropria; é algo que se exerce. A malha social, constituída por micropoderes que conduzem saberes e condutas no movimento de produção discursivas de verdades, encontra nas tecnologias de poder recursos para docilizar corpos para a transformação dos sujeitos em forças produtivas. As práticas que buscam

inserir os indivíduos na dinâmica neoliberal para que sirvam aos interesses do regime esforçam-se para construir subjetividades sintonizadas com essa lógica.

A contribuição de Foucault (1979) para a compreensão da atuação do Estado nas dinâmicas de poder perpassa a discussão sobre essas tecnologias de governo. Há, nesta dinâmica, uma estratégia atrelada à arte de governar que envolve não só uma imposição das leis aos homens, “mas a utilização de mais táticas do que leis ou o máximo uso das leis como táticas” (FOUCAULT, 1979, p. 284).

Isso significa dizer que a lógica neoliberal impactou a ideia de governabilidade, que afastou o indivíduo do ideal moderno de um sujeito de direitos e lhe transferiu responsabilidades que antes eram do Estado. Contudo, especialmente em termos econômicos, essa limitação do papel do governo não significa um enfraquecimento do controle estatal, mas uma nova maneira de construir subjetividades em torno da sustentação do novo modelo sócio-político-econômico.

Embora a compreensão do poder a nível individual fosse necessária à manutenção dos regimes de dominação, Foucault (2008) desloca sua atenção para a coletividade quando discute o biopolítica. Nessa dimensão, importa compreender a articulação das estratégias de controle e de manipulação voltados a manter a ordem social, econômica e política.

Foucault (2008) discute a dinâmica do governo do sujeito a partir do discurso do empresário de si mesmo, alinhado à ideia do *homo oeconomicus*, que se constrói a partir de uma produção discursiva que converte toda pessoa em capital humano. Consumo, educação, capacitação, relacionamentos e outras dimensões se configuram como práticas de investimento em si mesmo (BROWN, 2018). Assim, a maneira pela qual o *homo oeconomicus* se adapta aos imperativos do capitalismo neoliberal mobiliza noções que convergem para a discussão levantada por Foucault.

Brown (2018) amplia esse entendimento ao desenvolver a ideia de que, ao investir em si mesmo, o *homo oeconomicus* abre mão de sua condição de sujeito de direitos para assumir para si os riscos do empreendedor de si em um processo de autorresponsabilização. Essa dinâmica integra o sujeito na engrenagem do que chama de lógica do sacrifício, com implicações que culminam na precarização do trabalho, no desemprego estrutural e na perda dos benefícios de seguridade social, por exemplo.

O empreendedor de si constrói as subjetividades dos indivíduos a partir da ideia de auto-gestão comparável à de uma empresa, sobre a qual é necessário fazer constantes investimentos. O sujeito é, então, o único ator relevante e integralmente responsável pelos seus atos. Brown (2018) explica que o movimento que envolve a autorresponsabilização atribui ao sujeito o mérito por seu próprio sucesso ou fracasso, de maneira a isentar o sistema político e econômico de qualquer relação de poder que possa motivar conflitos, produzir desigualdades ou estabelecer diferenças e obstáculos de outras naturezas. Vale salientar que o neoliberalismo não apenas opera com base nos pressupostos econômicos, mas sobretudo por meio de discursos de verdade que, uma vez naturalizados, buscam determinar saberes e comportamentos.

Dardot e Laval (2016) destacam que o discurso do empreendedor de si envolve um conjunto de processos de subjetivação que tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas a própria conduta dos governados. Assim, “o empreendedor de si é feito para ganhar, ser bem-sucedido” (p. 33), ou seja, é “dotado de espírito comercial, à procura de qualquer oportunidade de lucro que se apresente e ele possa aproveitar, graças às informações que ele tem e os outros não” (p. 145). Sua subjetivação é, então, constituída a partir da produtividade e da concorrência.

O que os autores pontuam é que a racionalidade neoliberal produz o sujeito de que necessita no processo de ordenação dos meios para governa-lo, de maneira que se apresente como uma entidade em competição. Assim, esse sujeito deve expor-se a riscos e assumir inteira

responsabilidade por suas escolhas e pelos resultados obtidos a partir delas. A concorrência, nessa racionalidade, é vista como um mecanismo de progresso e pela eliminação dos mais fracos.

3.2 A subjetivação da mulher empreendedora a partir da racionalidade neoliberal

A racionalidade neoliberal assume contornos nas diferentes fronteiras sociais e se esforça para dar novas roupagens até mesmo a movimentos sociais que historicamente questionam desigualdades e diferenças nos diversos espaços econômicos, sociais e culturais, como é o caso do feminismo. Indispensável à compreensão da dinâmica do empreendedorismo feminino, é a discussão sobre o modo como o neoliberalismo se apropria do discurso do feminismo para a constituição de uma subjetivação da mulher alinhada à sua racionalidade.

O feminismo promoveu transformações importantes nos posicionamentos envolvendo mulher em termos estruturais e culturais no decorrer da História (SCHREIBER, 2008). Na atualidade, negociações de sentido entre velhos e novos feminismos coexistem e tem disputado significados enquanto construções discursivas.

Entre os feminismos, há uma vertente que procura conferir uma hipervisibilidade no empoderamento individual, dinâmica em que mulher é vista a partir da ideia do empreendedorismo de si (BANET-WEISER, 2015). Esse discurso dá sustentação a um tipo de poder que, internalizado pelo sujeito, garante uma “inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos” (FOUCAULT, 2018, p. 151).

Banet-Wiser (2015) argumenta que, na racionalidade do neoliberalismo, é enfatizada a soberania do empoderamento individual que incorpora elementos da livre escolha e da autorresponsabilidade para mascarar efeitos de poder. Na construção do contexto social e cultural difundido pela mídia, esse tipo de feminismo passa a representar códigos sociais vinculados a um tipo de ideal de mulher – branca, heterossexual e economicamente abastada (BANET-WEISER, 2018), que trabalha para promover modificações estruturais no processo de subjetivação da mulher.

O discurso feminista ligado à racionalidade neoliberal também naturaliza o forte vínculo das tarefas domésticas e de cuidado à mulher e explora a romantização do equilíbrio entre família e carreira como justificativa para o acúmulo das funções produtivas e reprodutivas das mulheres (ROTTENBERG, 2018; FEDERICI, 2018). Assim, emerge um tipo de feminismo que se nutre de um discurso de empoderamento feminino de natureza conformativa, elitista e deslocada de um caráter socialmente crítico.

Fraser (2007; 2009; 2011) tem se empenhado em argumentar contra esse feminismo influenciado pelo neoliberalismo, tecendo críticas que recaem sobre a falta de engajamento dessa vertente na movimentação de estruturas de dominação e desigualdade. Como resultado de um trabalho conjunto entre Fraser, Arruzza e Bhattacharya, a obra “Feminismo para os 99%: Um Manifesto”, publicado em 2011, faz uma crítica ao capitalismo neoliberal e à camada mais rica da população americana (que correspondia a 1% das pessoas).

As autoras argumentam contra a propagação da ideia elitista que reduz a problemática da integração e a igualdade de oportunidades em relação aos gêneros por meio de holofotes que se voltam a mulheres de classe média e alta ocupantes de cargos de alto prestígio nas companhias e que são tão bem exploradas pelo contexto midiático. Em vez disso, as autoras apregoam um projeto de feminismo que lance luzes aos desafios reais das mulheres, especialmente àqueles que possibilitam um recorte interseccional.

Banet-Weiser, Gill e Rottenberg (2020) argumentam que, embora reconheça a desigualdade de gênero, o feminismo neoliberal gera um novo sujeito feminista, que assume total responsabilidade por seu próprio bem-estar e autocuidado e que se baseia em um equilíbrio feliz entre trabalho e família. Esse ideal de equilíbrio é apropriado pela imprensa popular e mainstream

de modo a manter a reprodução como parte da trajetória feminina e postulando esse equilíbrio como seu quadro normativo último. Assim, o feminismo neoliberal conserva o discurso de reprodução e trabalho de cuidado e garante que toda essa responsabilidade continue sobre os ombros da mulher. O feminismo neoliberal é, portanto, hiperindividualizante, ao modelar mulheres em torno da lógica do empreendedor de si, propondo soluções que eliminam a sustentação estrutural ou econômica desses fenômenos.

Calkin (2015), ao abordar a dinâmica da crise de 2008, lança luzes para os modos como as mulheres são colocadas tanto na linha de frente da crise quanto na identificação de respostas a ela no discurso neoliberal. Para o autor, as mulheres são posicionadas como sujeitos de um discurso de crise por meio de uma narrativa que essencializa qualidades femininas supostamente intrínsecas para ativar esses atributos e transformá-los em formas particulares de agência econômica. Há, então, um discurso que constrói associações entre acumulação de capital, empoderamento feminino e possibilidade de transição de pobres para uma classe empresarial.

Esse esforço em associar a figura da mulher pobre com o empreendedorismo também explorado por Karim (2013), que destaca histórias de sucesso de mulheres pobres que empreendem solitárias, movidas por escolhas autônomas no mercado e que se destacam por suas habilidades empreendedoras. Essas histórias são endossadas com frequência como um caminho que só pode ser alcançado por meio da dívida como estratégia de alívio da pobreza. Nesse discurso, os mais vulneráveis à incerteza e à precariedade são incentivados a abraçar os riscos que envolvem os microfinanciamentos sob a promessa de que irão se transformar em oportunidades para alcançar o sucesso.

Federici (2014) explora o modo como se organiza a retórica do que chama de “economia da dívida”, com atenção para expansão da dívida individual em sua relação com os principais pilares da agenda neoliberal que envolve a precarização do trabalho e a crescente financeirização da reprodução. A autora destaca que, no discurso neoliberal, a dívida é apresentada como autoinvestimento, de modo que as mulheres pobres são expostas à culpa pelo fracasso na dinâmica do desenvolvimento macroeconômico.

As condições exploradas por Calkin (2015), Karin (2013) e Federici (2014) problematizam a estrutura de incentivo ao empreendedorismo e ao empoderamento associadas à figura da mulher frente à crise e ao acesso ao microcrédito, o que denuncia o movimento de incorporação das mulheres ao discurso neoliberal e seus efeitos. Um eventual insucesso no alcance do objetivo e na incapacidade da mulher em empreender, especialmente quando se sustenta por meio da dívida, resulta em violência psicológica contra as mutuárias que arcam com os custos sociais do fracasso.

4 METODOLOGIA

Para analisar como a subjetivação da mulher empreendedora é construída pelo discurso do governo na justificação de uma política pública, foi utilizado o arcabouço teórico e metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD), a partir da perspectiva de Norman Fairclough. Nesse sentido, busca-se compreender os discursos fundadores de verdade que operam sob a subjetividade da mulher no contexto da racionalidade neoliberal.

Fairclough (2001) propõe considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. O autor compreende o discurso como modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros, e também como um modo de representação. O discurso é, assim, aquilo que dá sentido ao mundo, por meio da construção e compartilhamento dos significados. O autor pontua, ainda, que o discurso opera em três aspectos quanto aos seus efeitos: para a construção das identidades sociais, para construir relações entre as pessoas e para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Para a ACD, a prática discursiva atua tanto no sentido de reproduzir a sociedade, como para transformá-la.

A dimensão da prática social tem várias orientações, que podem ser de ordem econômica, política, cultural e ideológica, sendo que o discurso pode estar implicado em todas elas. Chouliaraki e Fairclough (1999) discutem sobre o papel da linguagem na vida social, ao afirmarem que, ao mesmo tempo em que a interação comunicativa é definida como prática social, também é moldada por estruturas sociais que ela reproduz ou transforma.

Para auxiliar pesquisadores interessados em aplicar a análise do discurso em seus estudos, o autor propõe um quadro tridimensional como tentativa de reunir algumas tradições analíticas, cada uma das quais é indispensável na análise do discurso, que são: texto, prática discursiva e prática social. Na dimensão do texto, o autor destaca que alguns itens estão envolvidos na produção, interpretação e nas propriedades formais dos textos: vocabulário, gramática, coesão, estrutura textual, força dos enunciados (tipos de atos de fala), coerência dos textos e a intertextualidade dos textos.

A prática discursiva do modelo tridimensional envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, de modo que a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais. A prática social, por sua vez, envolve a ideologia e a hegemonia. O autor entende a ideologia como significações/construções da realidade e são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

As ideologias, nesse sentido, estão presentes tanto nas estruturas que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos.

Este estudo, de natureza qualitativa e caracterizado como um de caso, adota como corpus de análise três pronunciamentos de integrantes do governo e o depoimento de uma microempreendedora, transmitido nas caravanas que fazem parte da Estratégia. A descrição do corpus deste estudo foi descrito no Quadro 1.

Quadro 1 – Documentos que integraram o corpus de análise

| Descrição da Ocasão/Canal | Autoria | Cargo no Governo | Data |
|--|------------------------------|---|-------------|
| Programa “A voz do Brasil” | Dameres Alves | Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos | 08/03/2022 |
| Cerimônia de Lançamento da Estratégia | Jair Bolsonaro | Presidente da República | 08/03/2022 |
| Caravana Brasil para Elas no Tocantins | Daniella Marques Constantino | Secretária de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia | 27/05/2022 |
| Vídeo oficial do Programa Brasil para Elas | Emiliana | Mulher Microempreendedora | 27/05/2022 |

Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

As análises foram realizadas a partir da perspectiva da ACD e se basearam, principalmente, na abordagem dialético-relacional desenvolvida por Fairclough (2001). Neste artigo, procuramos

compreender como os discursos dominantes dão autoridade para interpretar condições e eventos e para estabelecer e manter relações de poder, com efeitos estruturais de longo prazo. Acrescenta que também procuraremos alcançar com esta análise o modo como se constitui a prática em relação à conhecimentos e crenças, relações sociais e identidades sociais e compreender os mecanismos de inculcação e de comunicação envolvidos nesse processo.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção procuramos evidenciar as ligações entre os textos e as práticas discursivas e revelar quais relações de poder e hegemonias foram produzidas e reproduzidas no discurso do governo no movimento de construir a subjetivação da mulher dentro da racionalidade neoliberal. A primeira análise foi realizada com base no pronunciamento da então Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, durante a transmissão do programa do governo “A Voz do Brasil”, no dia 08 de março de 2022. Na ocasião, foram apresentadas algumas medidas do governo voltadas ao estímulo ao empreendedorismo feminino, em que a Ministra explicou o funcionamento da Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminismo e seu papel para a recuperação econômica pós-pandemia.

Nós acreditamos e o governo acredita que a retomada econômica nesse pós-pandemia vai passar pelas mãos da mulher. A mulher brasileira, gente, ela é criativa, a mulher brasileira é corajosa, ela gosta de trabalhar, mas a gente não vai ter emprego para todas as mulheres. Então, como é que a gente vai resolver essa situação financeira agora? Com o pequeno crédito para a pequena empreendedora [...]. A gente tá lançando o que eu tô chamando de crédito cor-de-rosa, porque o Brasil é cor-de-rosa, o Brasil é das mulheres. A mulher empreendedora vai movimentar a economia.

No recorte apresentado, Damares pontua algumas características femininas indispensáveis à subjetividade do empreendedor de si: criatividade, coragem e disposição para o trabalho. O léxico explorado envolve escolhas vocabulares que se orientam por qualidades de uma mulher atenta às maneiras pelas quais as circunstâncias e os recursos podem ser convertidos em resultados econômicos, destemida para enfrentar desafios e disposta a trabalhar, já que é consciente de que os resultados a serem obtidos dependem de seu próprio esforço e empenho para tal.

Os adjetivos selecionados foram organizados na trama discursiva para construir uma imagem de mulher alinhada com a ideia de capital humano explorada por Foucault (2008), que reúne um corpo de conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à manutenção das engrenagens do capital. Nesse caso, essa lógica está refletida no movimento de subjetivação da mulher por meio da convergência de suas competências com valores econômicos. Na teoria do capital humano de Foucault (2008), o indivíduo é, em si mesmo, o próprio capital, já que está por ele assujeitado por um regime de verdade.

Embora no discurso da Ministra o marcador discursivo “mas” seja utilizado para indicar um contraste de ideias, caracterizado pela relação de oposição entre o reconhecimento do capital humano da mulher brasileira e o fato de que não haver emprego para todas, há um esforço na construção de um entendimento do problema social como algo natural e sobre o qual é necessário exercer tolerância. A docilização dos corpos explorado por Foucault cabe aqui para compreender o modo como há, nesse discurso, um esforço para articular regras que emanam de princípios econômicos às práticas sociais na dinâmica da governabilidade para a transformação dos sujeitos em forças produtivas.

Há um movimento que caminha para o que articula o filósofo na exploração da biopolítica do neoliberalismo, que inclui o esforço em fazer com que o sujeito conviva e tolere alguns riscos que se relacionam com essa ordem econômica, como é o caso do desemprego. O indivíduo passa assumir para si a lógica do sacrifício, na medida em abraça algumas responsabilidades que antes eram de domínio do Estado. Brown (2018) explora essa dinâmica, ao argumentar que a cidadania neoliberal torna o indivíduo livre para cuidar de si, ao mesmo tempo em que, discursivamente, o compromete com o bem-estar geral e reforça sua fidelidade para com o crescimento econômico. A mulher, nesse discurso, é conduzida a uma conformação com o problema social caracterizado pelo desemprego e conduzida por um movimento de estímulo à produtividade por meio do empreendedorismo.

A solução apontada na sequência, “o acesso a um pequeno crédito”, atende plenamente a essa dinâmica. Para ratificar a relação que se procura construir entre a subjetivação da mulher e o empreendedorismo, a Ministra apresenta o endividamento como caminho para tal realização e procura singularizar a linha de empréstimo, buscando despertar a afetividade da mulher quando lhe confere um aspecto feminino. Ao nomeá-lo de “crédito cor-de-rosa”, Damares procura se apoiar nos recursos dessa memória de significados que envolve a associação de tal tonalidade à mulher, apropriando-se dessa ligação construída social e historicamente para estabelecer relações de intimidade e de aproximação com esse público.

Além disso, é importante pontuar que, em sentido figurado, o predicado cor-de-rosa evoca também significados ligados ao que é positivo e ao que se aproxima de um estado perfeito das coisas e das circunstâncias. Assim, algo é cor-de-rosa quando é livre de problemas, é ideal ou utópico. Uma linha de crédito cor-de-rosa é, então, ofertada como esperança, em um movimento de suavizar e naturalizar a dívida como caminho para o empreendedorismo e este como única alternativa para a inclusão produtiva da mulher em tempos de crise, como explorado por Calkin (2015), Karin (2013) e Federici (2014).

Além de figurar como um sacrifício necessário à recuperação econômica do país, o empreendedorismo é apresentado à mulher pela Ministra como a possibilidade de realização do sonho da independência financeira, como pode ser observado na narrativa que constrói sobre um caso de sucesso.

Nós temos uma mulher em Brasília que estava passando por um momento de muita dificuldade e ela resolveu fazer o “dimdim” gourmet. O “dimdim” dela é tão gostoso que a gente manda buscar para comer lá no Ministério [...] só que o diferencial dela é a forma como ela apresenta. Ela tem uma caixa de isopor enfeitada, ela se veste de chef, ela usa luvas [...] tudo isso fez uma diferença. Sabe quanto essa mulher está tirando vendendo “dimdim” gourmet em Brasília? Doze mil reais! Ela já está terceirizando. As encomendas são tantas que ela começou a ensinar mulheres e terceirizar. Essa mulher criativa vai fazer a economia movimentar no Brasil e nós estamos apostando muito nela.

O caso explorado por Damares começa por situar a mulher em um cenário de dificuldade financeira, de modo que o empreendedorismo é apresentado como mecanismo de redenção dessa vulnerabilidade. A narrativa ratifica os ideais neoliberais, uma vez que o sucesso retratado resulta exclusivamente do esforço e da competência da mulher em se diferenciar no mercado. O argumento de Dardot e Laval (2016) atua como um caminho para compreender essa dinâmica, na medida em que a imagem dessa mulher é orquestrada como dotada de espírito comercial para “vencer” a concorrência através dos diferenciais individuais que apresenta, caracterizados, neste caso, pelo aspecto do produto (vendido em caixa de isopor enfeitada), pela boa apresentação da indumentária (a mulher se veste como chef) e pela higiene (uso de luvas).

Na sequência, a Ministra não apenas expõe o valor de rendimento que essa mulher conquista com a comercialização de seu produto, mas o faz por meio do recurso linguístico da indagação, que potencializa os efeitos quanto à expectativa pela informação pelo espectador. Damares induz a uma excitação quanto ao valor informado (doze mil reais) já que tem convicção de que, para o contexto econômico das mulheres a quem a política se destina, trata-se de um rendimento elevado.

Nesse processo de construção da imagem da mulher que está presente na narrativa, ainda é acrescentado o fato dessa empreendedora contar com funcionários e terceirizar parte do seu negócio, o que corrobora para a ideia de sucesso arquitetada pela Ministra. Além disso, mais uma vez Damares procura construir argumentos para reiterar o compromisso da mulher com o grande desafio de recuperação econômica do país, associando a figura feminina à superação da crise e à busca por soluções para os problemas que dela derivam. Calkin (2015) pontua que, na racionalidade neoliberal, é comum que as mulheres sejam colocadas tanto na linha de frente da crise como na identificação de respostas a ela.

Ao apresentar algumas ações de capacitação programadas para ocorrer no âmbito da Estratégia, Damares destaca o curso de cuidadora de idosos, que é apontada pela Ministra como uma profissão que permite flexibilidade e viabiliza o acúmulo de jornadas de trabalho, conforme observado no fragmento a seguir.

Você quer saber uma capacitação que nós estamos sendo muito procurados? A cuidadora de idosos, porque ela pode trabalhar para um no final de semana, para outro durante a semana, às vezes ela é temporária, ela tá cuidando de um idoso aí esse idoso vem a óbito, mas ela já está ali com o seu nome no mercado, já é procurada por famílias (...).

A intenção subjacente à escolha de explorar características da profissão de cuidadora de idosos, embora caracterize um exemplo deslocado do empreendedorismo que a política propõe fomentar, opera no sentido de romantizar os efeitos de jornadas duplas ou triplas e naturalizar esse trabalho exaustivo, também muito comum à realidade do pequeno empreendedor. Mais do que isso, a flexibilidade da profissão apresentada é antes vista como oportunidade do que como um problema, uma vez que, na perspectiva da Ministra, abre possibilidades para que essa mulher possa trabalhar “para um no final de semana e para outro durante a semana”.

Além disso, a discurso também orchestra argumentos para eufemizar a natureza precária do trabalho, traduzida pela falta de segurança em razão da transitoriedade da profissão. A impossibilidade de permanecer por um razoável período de tempo em um mesmo emprego não é visto como um obstáculo em si, já que a oportunidade de ter adquirido a experiência já possibilita estar no mercado e ser “procurada por famílias”. Os argumentos de Dardot e Laval (2016) contribuem para a compreensão dessa dinâmica e lançam luzes para o modo como a subjetividade do trabalhador é constituída na racionalidade neoliberal, uma vez que isso somente será operado de maneira eficaz dentro de um contexto de mercado de trabalho flexível, em que isso é aceito pelo sujeito em razão da ameaça de desemprego e da latente concorrência.

Outro fragmento analisado neste estudo envolve o pronunciamento do Presidente Jair Bolsonaro durante o lançamento oficial da Estratégia, que ocorreu em cerimônia realizada pelo governo federal no dia 08 de março de 2022, data em que se comemora o Dia Internacional da Mulher. O discurso do Presidente foi organizado em torno do exemplo de sua mãe na atividade empreendedora.

Mãe de sete filhos, esposa de um homem que não tinha uma profissão definida [...] realmente a vida dela não foi fácil, mas mesmo assim ela foi educadora, todos nós já chegamos a escola já sabendo a tabuada [...] praticamente alfabetizados [...]. Tive também uma mãe que foi empreendedora [...].

Na narrativa do Presidente, a construção da imagem da mãe foi introduzida a partir da exploração do seu contexto de vida, que envolve a maternidade e a condição de esposa de homem “sem profissão definida”. Ao abordar a situação laboral do pai, Bolsonaro encaminha o espectador a vislumbrar um cenário que envolve dificuldades e instabilidades financeiras, o que é corroborado pela informação de que a vida da mãe não foi isenta de obstáculos. Essa contextualização produz efeitos de sentido semelhantes ao exemplo explorado por Damares quando narra a história da vendedora de “dimdim”, já que situa o espectador na dinâmica de dificuldades que precede a entrada dessas mulheres na atividade empreendedora. Esse movimento procura espelhar a provável realidade atual da mulher a quem se destina a política e, por meio desses testemunhos, busca se encaixar em suas expectativas, gerar esperanças e servir como um modelo de vida a ser seguido.

Bolsonaro se apropria de um marcador discursivo de contraste “mas” para pontuar que a mãe, mesmo vivendo em um contexto de dificuldades, não se deslocou de suas funções de cuidado com a família. É importante pontuar que o Presidente não destaca outros atributos que não os que se relacionam com as tarefas de cuidado com os filhos, próprias de um discurso patriarcal. O esforço, portanto, em dar ênfase a essas características busca naturalizar o acúmulo de funções produtivas e reprodutivas da mulher e é orquestrado pela racionalidade neoliberal. As informações apresentadas fazem parte do movimento de tecer essa trama de sentidos em torno da imagem de sua mãe. De forma detalhada e paulatina, o processo da atividade empreendedora é apresentado em sua narrativa.

Na cidade de Ribeira, onde curti e vivi parte considerável da minha infância, [...] tínhamos um ou dois casamentos por mês e minha mãe era sempre lembrada para fazer bolo e para fazer bala de coco, o que sobrava para mim. Ela era especialista em bala de coco [...] O que complicava mais ainda era puxar a bala por quase dez minutos. E quem puxava a bala? Eu. O mais fácil sobrava para uma outra irmã minha, que cortava o papel celofane, cortava as franjas na tesoura e embrulhava as balas e no casamento depois, obviamente, sempre sobrava alguma coisa para nós.

Uma teia de sentidos é construída minuciosamente pelo Presidente, buscando dar ênfase à dinâmica familiar que envolvia a atividade empreendedora da mãe, de modo a construir um cenário em que há uma conciliação harmoniosa entre maternidade e trabalho. As minúcias que envolvem a maneira como os filhos contribuem como essa tarefa corrobora para a organização de uma cena que caminha para a romantização dessa combinação, apontada pelo discurso como uma possibilidade proporcionada pela iniciativa empreendedora da mãe.

O modo como o empreendedorismo é explorado nessas narrativas se configura como um modelo ideal, capaz de possibilitar que o exercício profissional e a maternidade ocorram de maneira concomitante. Esse cenário utópico, que isenta essa relação de problemas, é deslocado da realidade da maior parte das brasileiras, que decidem empreender não a partir de uma vocação ou escolha, mas por necessidade (NASSIF; GHOBIL; AMARAL, 2007). O empreendedorismo, é, para a grande parte das mulheres uma sentença, especialmente à mulher pobre, que dificilmente se ajustará aos moldes de um emprego formal, já que são raras as situações que pode contar com a ajuda de terceiros no cuidado com os filhos e em outras tarefas domésticas (especialmente se esse apoio for pago). A flexibilidade é, então, encenada como um ideal, e é, com frequência, apropriada pelo discurso neoliberal, que apregoa um equilíbrio feliz entre trabalho e família.

Outros pronunciamentos explorados nesta análise fizeram parte da Caravana “Brasil para Elas”, realizada no Tocantins no dia 27/05/2022. Na ocasião, um vídeo foi gravado pela então Secretária de Produtividade e Competitividade do Ministério da Economia, Daniella Marques Constantino, e transmitido durante o evento. Na ocasião, a Secretária se dirige às participantes da Caravana e deixa uma mensagem de tom motivacional às mulheres:

Às vezes me perguntam como é que eu estou aqui hoje onde estou. É simplesmente vai lá e faz. Então eu quero que todas as mulheres saibam que a força está dentro de nós mesmas e cada um pode ser e fazer o que quiser. O que a gente quer é gerar uma grande força motora no papel da mulher, que é tão importante para a sociedade, para a economia e para a transformação social.

A Secretária cita o próprio exemplo como ideal feminino a ser seguido, explorando o interdiscurso da meritocracia para conduzir a espectadora a crer que a razão que a fez se destacar profissionalmente e ter ocupado um cargo importante no governo é, simplesmente, ter agido, ou seja, ter feito o que era necessário. O discurso de Daniella caminha para resgatar princípios da ideia de empresário de si, por meio do uso de expressões e recursos muito bem explorados pela mídia para fazer crer que a mulher está, de fato, alcançando espaço de atuação nas diversas esferas da sociedade. Nesse *mainstream*, portanto, passam a circular imagens femininas integradas ao mundo corporativo na posição de cargos de destaque, como é o caso de Daniella, ancoradas por um discurso meritocrático que vincula a chegada dessas mulheres ao topo por razões vinculadas à sua própria capacidade.

Por meio dessa narrativa, a Secretária endossa um discurso que coloca realidades sociais em mesmo nível de complexidade e considera sob o mesmo prisma todos os contextos de inclusão da mulher, de modo a reduzir a problemática a um simples “vai lá e faz”. Banet-Weiser, Gill e Rottenberg (2020) exploram a dinâmica neoliberal de construção de subjetividades femininas, no movimento de fazer com que a mulher atraia para si as responsabilidades por seu próprio bem-estar e sucesso por meio do esforço, empenho e do trabalho árduo. No mesmo evento, houve a transmissão de outro vídeo, em que uma mulher empreendedora chamada Emiliana narra sua trajetória.

Eu fiquei três anos desempregada. Fiquei vivendo da cesta básica da igreja e cheguei no fundo do poço. Me colocaram num grupo da comunidade e nesse grupo veio um link do curso “Mão na Massa”. Eu aprendi fazer bolo, pizza e esfirra. Aí a colega me cutucou: Emiliana, você tem uma bacia na sua casa? Eu falei: tenho. Você tem uma colher de pau? Eu falei: tenho. Então, mulher. Tem ovo na sua casa? Eu falei: tem, mulher. Então, faça um bolo e vá vender. E a partir daí eu comecei a fazer, com muito carinho, com muito amor. [...] Hoje eu já tenho dinheiro, eu tenho que repor as minhas mercadorias. É muito bom. A superação foi a melhor coisa. Eu me sinto a mulher maravilha, porque eu achava que aquilo não tinha mais solução.

A narrativa da mulher endossa o conjunto de argumentos já construídos por Damares, Bolsonaro e Daniella, ao atribuir à mulher a exclusiva responsabilidade pelo sucesso da atividade empreendedora. Nota-se, novamente, a preocupação em retratar um cenário de dificuldades, em que Emiliana informa ter ficado por três anos desempregada, período em que viveu de doações. A metáfora “fundo do poço” é selecionada para produzir no espectador efeitos de sentido ainda mais impactantes em relação à gravidade da condição em que se encontrava, já que isso representa a pior situação que alguém pode se encontrar ou uma circunstância em que não é possível vislumbrar uma solução possível para o problema. O empreendedorismo é, novamente, visto como um caminho de salvação para essa fragilidade, já uma nova configuração para o cenário passa a ser dada a partir do momento em que mulher passa a exercer a nova profissão.

Cabe pontuar que a narrativa retrata de modo bastante descomplicado o início da atividade empreendedora, em que a mulher contou com itens básicos e que estão presentes nos lares da maior parte das famílias brasileiras: uma bacia, uma colher de pau e ovos. A simplicidade da solução apresentada à espectadora, “faça um bolo e vá vender”, endossa, mais uma vez, a ideia de que a ação, a força de vontade e a disposição para fazer dar certo são os únicos segredos para que um negócio seja promissor. O desfecho da narrativa situa a mulher dentro de um contexto em que ela se

mostra satisfeita com o retorno financeiro obtido e com o fato de ter vendas suficientes para repor suas mercadorias com frequência. O encerramento da fala de Emilianita conta com o recurso metafórico da “mulher maravilha” para endossar a imagem de heroína e de trino sobre os obstáculos que encontrou, com destaque para o seu percurso de superação. A mulher, por meio do empreendedorismo, atravessou o cenário de dificuldades que foi retratado no início de sua fala.

Há um destaque para o movimento de difusão de um ideal centrado no poder feminino como motor para as dinâmicas sociais e econômicas, com holofotes voltados para atributos que essencializam esse “potencial” e que são orquestrados para operar sobre o funcionamento interno dos sujeitos como capital humano. Assim, o modo como as estratégias de subjetivação da mulher opera para a conformação de certas estruturas sociais são recursos muito explorados nos excertos analisados.

6. CONCLUSÃO/ CONTRIBUIÇÃO

Na atualidade, a constituição do sujeito como capital humano está presente nas mais diversas esferas da vida social. A célebre expressão de Margareth Thatcher: “A Economia é o método. O objetivo é mudar corações e mentes”, pronunciada em 1981, à época da Guerra Fria (SAFATLE, 2020), muito bem explica a essência do neoliberalismo, ao extrapolar os limites da política econômica para impor-se como racionalidade.

Ao adotarmos a ACD enquanto recurso teórico-metodológico para a compreensão desse latente desafio social, buscamos explorar o modo como se constitui o processo de subjetivação da mulher à racionalidade neoliberal por meio do discurso do governo no exercício de fomentar o empreendedorismo. A articulação que envolveu o conjunto de pronunciamentos que fizeram parte das ações da Estratégia contou com um minucioso esforço para explorar a construção da subjetividade da mulher brasileira.

Se convém ao sistema hegemônico manter essa estrutura, o que resta é romantizar o peso em conciliar papéis sociais que são atribuídos historicamente à mulher para que sejam convertidos em ganhos econômicos. Resta, ainda construir uma narrativa que desonere o Estado de sua função enquanto gestor de problemáticas sociais, como é o caso do desemprego estrutural. Naturalizar e apontar as “qualidades” de dinâmicas de trabalho flexíveis, como é o caso do empreendedorismo, também se mostra um recurso importante para manter essa hegemonia.

Tudo isso, aliado a um trabalho midiático bem orquestrado em torno da presença feminina em alguns espaços de destaque, também contribui para conformar papéis sociais necessários à engrenagem do capital. A apropriação de exemplos representativos de mulheres que alcançam cargos de prestígio social e econômico e de celebridades que comemoram os lugares que conquistaram sob a égide de um discurso que faz triunfar a presença feminina nesses espaços integram igualmente esse jogo.

Todas essas estratégias foram exploradas pelo governo, de modo que a docilização dos corpos femininos à racionalidade neoliberal se dá na medida em que se estabelece a ilusão de que as pressões sociais que a categoria exerce estão sendo atendidas e que o sucesso da mulher depende do quão bem ocorre a gestão de sua vida enquanto empresária de si. Essas mensagens, revestidas de um tom de empoderamento feminino, nada fazem além de validar ideais econômicos que convém à economia do capitalismo.

O que procuramos por meio do movimento de analisar esses discursos foi lançar luzes para a relevância de projetos de mudança social que, de fato, promovam a abertura de horizontes para questões como poder, ideologia e hegemonia. Esse movimento possibilita estabelecer uma reflexão sobre a dinâmica revelada pela dimensão da ideologia e perceber que o discurso é articulado para servir a um sistema social que deve funcionar e ser reproduzido. O poder se utiliza de ideias e

significados e, para garantir a reprodução das condições que o sustentam, limita, exclui ou marginaliza as alternativas às interpretações dominantes na consciência e na vida pública.

A exploração de temas como o que se apresenta neste estudo, ao serem movimentados pelas resistências às relações de poder, podem impulsionar mudanças na cultura de um modo geral. Essa é uma questão-chave para aqueles que estão empenhados em promover cultura de emancipação, já que o discurso como mudança social aponta para um caminho de possibilidades para a sociedade e para lidar com os problemas atuais.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO FILHO, T. P.; GEORGES, I. P. H. A gestão do próprio trabalho e vida: uma discussão sobre “empreendedorismo” e gênero a partir de duas trajetórias socioprofissionais: Work and life management: a discussion on “entrepreneurship” and gender from two socio-professional trajectories. **Contemporânea-Revista de Sociologia da UFSCar**, 2021. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1058>>. Acesso em 20 jun. 2022.

A VOZ DO BRASIL. **Edição de 08 de março de 2022**. Brasília: Empresa Brasil de Comunicação, 2022. Disponível em: <https://redenacionalderadio.com.br/programas/a-voz-do-brasil-download?b_start:int=90> Acesso: de jul. 2022.

ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. São Paulo: Boitempo, 2019.

BANET-WEISER, S. Keynote Address: Media, Markets, Gender: Economies of Visibility in a Neoliberal Moment. **The Communication Review**, 2015.

_____. **Empowered**. Durham, NC: Duke University Press, 2018.

BANET-WEISER, S.; GILL, R.; ROTTENBERG, C. Postfeminism, popular feminism and neoliberal feminism? Sarah Banet-Weiser, Rosalind Gill and Catherine Rottenberg in conversation. **Feminist Theory**. 21., 2019.

BERNASCONI, O.; ESPINOSA-CRISTIA, J. F. No politics, no society: Questioning the justification of entrepreneurship in Chilean public policies. **RAE - Revista de Administração de Empresas (Journal of Business Management)**, [S. l.], v. 60, n. 2, p. 131–143, 2020. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/81390>. Acesso em: 16 jul. 2022.

BOSCHETTI, I.; BEHRING, E. R. Assistência Social na pandemia da covid-19: proteção para quem?. **Serviço Social e Sociedade**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/Wbf86mT4vwX6HvnSyRy3kkD/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 15 jun. 2022.

BRANCHER M.C.; MAGACHO G.; LEÃO R. **Impactos econômicos da crise do COVID-19 e dos programas de renda básica emergencial**. São Paulo: Centro de Estudos do Novo Desenvolvimentismo, Fundação Getúlio Vargas; 2020. (Texto para Discussão 1/2020). Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/28982>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

BRASIL. Ministério da Economia. **Estratégia Nacional de Empreendedorismo Feminino**. Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/empreendedor/brasil-para-elas>>. Acesso em: 30 de jun. de 2022.

BRIDI, M. A.; BRAGA, R.; SANTANA, M. A. Sociologia do Trabalho no Brasil hoje: balanço e perspectivas. In: **Revista Brasileira de Sociologia**, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/5957/595765252003/html/>>; Acesso em: 20 jun. 2022.

BROWN, W. **Cidadania Sacrificial** - Neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade - Tradução Juliane Bianchi Leão. Pequena Biblioteca de Ensaios. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2018.

CALKIN, S. Tapping Women in Post –Crisis Capitalism. **International Feminist Journal of Politics** 17 (4): 611–629, 2015.

CAMARGO, R.; FERREIRA, J.; LOURENÇO, M. Mulheres Empreendedoras no Brasil - Quais os seus medos?. **RBGN-Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, 2018. Disponível em: <https://rbgn.fecap.br/RBGN/article/view/3578/pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CASAGRANDE, L.; ZAMORA, M.; OVIEDO, C.. Motorista de Uber não é empreendedor. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, v. 22, 2021.

CASTIBLANCO, S. La construcción de la categoría de emprendimiento femenino. **Revista Facultad de Ciencias Económicas: Investigación y Reflexión**, 2013. Bogotá, Colombia.

CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. **Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Bomtempo, 2016.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO (EBC). Comemoração do Dia Internacional da Mulher, 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PKWootroWKY>>. Acesso em: 05 de jun. de 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva**. Tradução: Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

_____. From Commoning to Debt: Financialization, Microcredit, and the Changing Architecture of Capital Accumulation. **The South Atlantic Quarterly** 113 (2): 231–244, 2014.

FERREIRA JÚNIOR, R. R.; SANTA RITA, L. P. Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas. **Cadernos de Prospecção**, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/nit/article/view/36183>>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. In: MACHADO, R. 20 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France, 1978-1979**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRASER, N. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação?. **Revista Estudos Feministas**, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/qLvqR85s5gq56d63QhPX4VP/abstract/?lang=pt>. Acesso em 02 jun. 2022.

_____. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações**, 2009. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4300312/mod_resource/content/1/FRASER%2C%20Nancy.%20Feminismo%2C%20capitalismo%20e%20a%20ast%C3%BAcia%20da%20hist%C3%B3ria.pdf. Acesso em 02 jun. 2022.

_____. Mercantilização, proteção social e emancipação: as ambivalências do feminismo na crise do capitalismo”. **Revista Direito GV**, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/cmCd9sLNXByF66SHNbyJK9q/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10/07/2019

HARVEY, D. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2022**. Séries Históricas. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9173-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-trimestral.html?=&t=series-historicas&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=desemprego>. Acesso em: 26 jun. 2022.

KARIM, L. NGOs, Neoliberalism, and Women in Bangladesh. **Gender, Justice and Neo-Liberal Transformations: The Scholar and Feminist Online**, 2013. Disponível em: < <http://sfoonline.barnard.edu/gender-justice-and-neoliberal-transformations/>>. Acesso em 16 jul. 2022.

LEMOS, A. H. C., BARBOSA, A. O., MONZATO, P. P. Mulheres em home office durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/rae/a/9WS6pYzLdhWY6qWwDXTKTsN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LIMA, J. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? **Sociologias**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/soc/a/8hRj9BY85Ffqc9fpYvbjx9c/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

NASSIF, V. M. J.; GHOBRI, A. N.; AMARAL, D. J. Empreendedorismo por necessidade: o desemprego como impulsionador da criação de novos negócios no Brasil. **Pensamento & Realidade. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Administração-FEA**. v. 24, n. 1, 2009. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/pensamentorealidade/article/view/7075/5116>>. Acesso em: 21 jun. 2022.

ROTTENBERG, Catherine. **The Rise of Neoliberal Feminism**. New York: Oxford University Press, 2018.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Caravana Brasil para Elas – Tocantins**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=owbuadAB_8o. Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, L. F., & BASSANI, C. L.. Evolucionismo: a face oculta do empreendedorismo. **Brazilian Business Review**, 2007. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/1230/123016619004.pdf>>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

SOUZA, Cristiane Gomes de. “Mulher” de negócios no discurso do empreendedorismo: a liberdade em condições de subalternidade. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de

Alagoas, Maceió, 2019. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/4996>>. Acesso em 20 ju. 2022.

SCHREIBER, R. **Righting Feminism: Conservative Women and American Politics**. New York: Oxford University Press, 2008.

TAVARES, M. A.. O empreendedorismo à luz da tradição marxista. Em Pauta: **Teoria Social e Realidade Contemporânea**, 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/36687>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

TONHATI, Tânia; MACÊDO, Marília de. Imigração de mulheres no Brasil: movimentações, registros e inserção no mercado de trabalho formal (2010-2019). In: CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antônio Tadeu de; MACEDO, Marília de (org.). **Imigração e Refúgio no Brasil: Relatório Anual 2020**. Brasília, DF: Observatório das Migrações Internacionais, 2020. p. 111-141. Disponível em: < <http://old.scielo.br/pdf/se/v36n3/0102-6992-se-36-03-891.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2022.